



O medo da cidade – um estudo sobre Curitiba¹

Celina Paz ALVETTI²

Rosita C. de Loyola HUMMELL³

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Fundamentado em conceitos de Zygmunt Bauman, o objetivo deste trabalho é apresentar dados sobre o medo urbano. Para isso, foram feitas uma pesquisa quantitativa com 500 indivíduos, habitantes de Curitiba, além de duas abordagens não-presenciais, por meio de uma rede social. Constatou-se que, ainda que varie conforme sexo, faixa etária e nível de escolaridade o medo mais presente entre os curitibanos é o da violência, em suas diferentes formas.

PALAVRAS-CHAVE: medo; cidade; imaginário; urbano; Curitiba.

Este relato, que tem como objetivo apontar questões emblemáticas do medo urbano, é parte do projeto *A mídia e o medo da cidade*⁴, realizado no Núcleo Imagem em Movimento do curso de Comunicação da PUCPR, entre 2008 e 2010.

O tema deste trabalho foi determinado pelas conclusões de um projeto anterior – *Imaginários urbanos*, que tem sido desenvolvido há vários anos. Embora contemplado com inúmeras pesquisas e análises, continua se apresentando como objeto de novos estudos, pois é possível rever conceitos e descobrir aspectos singulares nesta área de estudo: as questões urbanas, a imagem midiática e as relações sociais.

Os trabalhos desenvolvidos por alunos e professores do Núcleo contemplaram estudos que já decodificaram o papel da mídia na construção do imaginário urbano;

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces comunicacionais do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Mestre em Artes-Cinema pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, professora do curso de Jornalismo da PUCPR, email: alvetti@uol.com.br.

³ Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná, professora do curso de Jornalismo da PUCPR, email: humm@terra.com.br.

⁴ além dos professores Rosita Hummell, Celina Alvetti e Iridio Moura, participaram do projeto os acadêmicos Carolina de Castro, Cintia Zanotto, Danielli Dias, Joyce Jancovitch, Keith Nayara Bianco, Amanda Bahl, Julia Bottini, Gisele Eberspacher, Laura Sliva, Ana Luiza Lima, Lívia Almeida, Mayara Locatelli e Vinicius Gallon.



estudos sobre a saturação da imagem em consequência dos avanços na área da tecnologia da informação; a relação entre estas duas variáveis, ou seja, a idéia de que atualmente o imaginário social é construído com o suporte da imagem midiática.

Assim, o fio condutor dos estudos, em um primeiro recorte, foi a análise da mídia, e seu papel, talvez central, na construção de um imaginário social e cultural perpassado pela imagem trabalhada pela técnica, tendo como foco as imagens e as relações sociais em um espaço urbano determinado.

A partir deste, um segundo recorte foi proposto, resultado das discussões do Núcleo; após a pesquisa bibliográfica inicial, pode-se delimitar o objeto de estudo deste relato: aspectos do medo urbano⁵

Quando falamos de medo urbano estamos, em geral, nos referindo a um tipo de medo: o medo da violência. Esse medo se refere tanto ao medo de ser vítima da violência criminal, como da violência interpessoal, motivada por qualquer tipo de conflito ou desentendimento entre desconhecidos, e por fim o medo por outros, isto é, o medo de que parentes sejam vítimas da violência, em especial da violência criminal (também conhecido como medo altruísta). A presença do medo da violência, dentro de uma sociedade, tem profundo impacto sobre a vida social, cultural, econômica e política de um país. Reduz a disposição das pessoas para ações coletivas, aumentando a desconfiança entre elas, inibindo o exercício de capital social, porque o reduz o diálogo e, portanto, a identificação de que problemas são compartilhados, afetando ainda o exercício da solidariedade (CÁRDIA, 2008).

Esse lugar central, na construção de um imaginário social e cultural perpassado pela imagem trabalhada pela técnica, é o que justifica a atenção que a ela se voltam diferentes ângulos de análise. Portanto, o estudo aqui apresentado é parte de um projeto de leitura do medo da violência urbana. Esta parte apresenta os resultados de um estudo de caráter descritivo que teve como objetivo pontuar as características do fenômeno em um espaço urbano determinado.

⁵ A registrar que, no levantamento de dados, as fobias chamaram bastante a atenção dos jovens pesquisadores do Núcleo Imagem em Movimento - o medo como reação patológica, não de auto-proteção. Ainda que não fosse o direcionamento proposto para o estudo, aponta-se a curiosidade, especialmente, ao constatar as fobias e perceber que elas são muito comuns, muitas conhecidas, citadas e sofridas por integrantes do grupo, como coulrofobia, que significa medo de palhaço. Foram identificadas, por meio de pesquisa bibliográfica, 352 fobias. Ainda que não se tenha prosseguido na pesquisa para aprofundar a questão das fobias, foi possível detectar duas causas, a partir da percepção do grupo – o modo como a mídia parece estimular fobias e a idéia do medo sem razão real, consequência do fato de que os medos são indefinidos, como são perigos invisíveis.



O enfoque que se pretendeu neste estudo é tratado em trabalhos de Zygmunt Bauman, tomado como linha teórica principal deste estudo. No olhar de Bauman viver, atualmente, implica entender a vida líquida, aquela na qual identidades e relações sociais são flutuantes, fluidas. O individualismo predomina. De acordo o sociólogo, o medo é um dos sentimentos que caracterizam a sociedade líquida, plena de incertezas. Sendo assim, o indivíduo teme o presente e o futuro, sentindo-se inseguro em relação à cidade que habita, a qual carrega signos de violência, desemprego e tragédias naturais, por exemplo. Sem os laços sólidos da Modernidade tornou-se individualista, consumista e também mais frágil e vulnerável.

Em *Confiança e medo na cidade* (2007), Bauman diz que as medidas de segurança adotadas nas cidades potencializam o medo, geram mais insegurança. Assim, no contexto de uma sociedade individualista, em que o ter é mais importante que o ser, o medo é também de não proteger o que se valoriza, aí incluindo os bens materiais.

Com isso, o indivíduo contemporâneo tem medo do outro como tem da morte, sente os próprios vínculos ameaçados de modo não necessariamente real. Mais exatamente, conforme Bauman, oscila entre o medo e o desejo de estar entre desconhecidos, experiências que a própria cidade produz.

a vida na cidade tem fama de ser uma experiência que desperta sentimentos desencontrados. Atrai e repele ao mesmo tempo e, para complicar ainda mais a existência dos seus habitantes, são os mesmos aspectos dessa vida que atrai e repele, ora intermitente, ora simultaneamente. A desconcertante variedade no meio urbano é uma fonte de medos (sobretudo, para os que perderam o norte por se verem mergulhados num estado de incerteza aguda, efeito da instabilidade que nos trouxe a globalização) (2007, p.43).

Para Bauman, há uma clara relação entre medo e globalização, pelo caráter de descontrole, de descentralização que ela tem. Por sua vez, segundo Abranches, a “violência urbana está associada à tensão urbana, às contradições sociais da convivência metropolitana” (in VELLOSO, 1994, p.130).

Para Martin-Barbero (2005), nesta questão cultural existe também o medo de perder o sentimento de pertencer a um espaço que não tem mais sentido, que mudou a identidade. É o caso, por exemplo, das cidades que se transformam rapidamente com a aceleração tecnológica, com a paisagem é transformada por projetos urbanísticos.



Foram também incluídos neste trabalho, alguns estudos de imagem, imaginário e mídia, com ênfase naqueles que tratam a questão do imaginário urbano e o papel do medo na construção deste imaginário: “O aspecto mais assustador dos medos é que não temos, nem podemos ter, nenhuma certeza se eles são genuínos ou imaginários. Isso leva as pessoas a gastar mais em coisas de que não precisam e as faz apoiar políticos que não se preocupam com seu bem-estar” (BAUMAN apud TAVARES, 2008).

Assim, para Bauman, a diferença do medo antes da globalização e o medo atual é que ele independe de ações que o gerem. Por isso, ao se pensar o medo na cidade, a primeira imagem é a da violência, representada por assaltos, acidentes, homicídios, suicídios. Em seguida, aquilo que permite visualizar o medo dos habitantes de uma cidade fragilizada pela violência e que procuram a proteção de seus castelos – curiosamente, como nos tempos medievais, quando as pontes levadiças, as muralhas, as lanças eram a defesa contra o ataque inimigo, a cidade do século XXI protege-se pelas construções de concreto, uma cidade que se sente sitiada e mesmo assim não menos indefesa.

Assim, os edifícios instalam alarmes, sensores e câmeras de vigilância 24 horas (às vezes a *câmera placebo* – a simulação da vigilância) e as casas, além desses recursos, são cercadas de muros altos, portões eletrificados e janelas gradeadas – é necessário afastar o invasor em potencial que, em tese, pode ser o vizinho.

Mas o ato de cercar a residência, por essência o seu espaço privado, é uma das formas que os indivíduos encontram para reagir ao medo, no mundo contemporâneo. Isso leva a uma espécie de privatização do cotidiano – é possível estudar, trabalhar, divertir-se, tudo em casa e frequentemente com um computador à frente. Assim, ao privatizar a sua rotina, o cidadão vai deixando de viver a cidade como espaço de socialização e, com isso, uma parte do ser cidadão.

A cidade de Curitiba foi o recorte deste estudo tendo como objetivo avaliar a sua singularidade histórica enquanto sociedade complexa e contemporânea. A cidade representa para seus habitantes uma identidade simbolizada em memórias comuns em uma estrutura simbólica ligada também às representações de poder.

Algumas considerações colocadas durante estudos anteriores (do Núcleo) permitiram que se confirmassem algumas propostas: uma delas se refere à imagem da cidade e da adaptação desta às mudanças sociais e, de ser construída com realidades



distintas; e ao crescimento do medo da violência urbana e o papel da mídia neste fenômeno.

Deve-se considerar, quando se analisa o espaço urbano, não só a realidade das relações sistemáticas neste espaço com também o fator tempo, ou seja, o fator complexo da evolução linear e que modifica sensivelmente, devido a variáveis múltiplas, o equilíbrio da relação entre habitantes e o espaço geográfico que ocupam. (BEAUJEU-GARNIER, 1997, p. 7)

Cita-se Durand (2001), para complementar este argumento:

A enorme produção obsessiva de imagens encontra-se delimitada ao campo do 'distrain'. Todavia, as difusoras de imagens – digamos a 'mídia' – encontram-se onipresentes em todos os níveis de representação e da psique do homem ocidental ou ocidentalizado. A imagem mediática está presente desde o berço até o túmulo, ditando as intenções de produtores anônimos ou ocultos; no despertar pedagógico da criança, nas escolhas econômicas e profissionais do adolescente, nas escolhas tipológicas (a aparência) de cada pessoa, até nos usos e costumes públicos ou privados, às vezes como 'informação', às vezes velando a ideologia de uma 'propaganda' e noutras escondendo-se atrás de uma 'publicidade' sedutora ... (DURAND, 2001, p. 33-34).

Este estudo de natureza descritiva, além do trabalho de revisão de literatura, incluiu procedimentos de pesquisa quantitativa com o objetivo de descobrir as características do fenômeno em Curitiba.

Assim, para descobrir os medos que fazem parte do cotidiano, fez-se uma primeira abordagem, que permitiu uma sondagem inicial das variáveis a serem pesquisadas. Esta foi realizada em 2008, ao longo de três dias, entre primeiro e três de maio e disponibilizada por uma rede social com cerca de 1500 participantes⁶, obtendo-se 129 respostas.

⁶ atingindo principalmente, mas não só, jovens moradores da capital paranaense. A maioria dos consultados nas duas etapas da sondagem são indivíduos entre 17 e 35 anos.

É pertinente observar que, ao longo do processo de trabalho de pesquisa do Núcleo, foi realizada uma série de discussões com os integrantes, sobre os medos de cada um. O objetivo era incluir os alunos na discussão dos resultados da sondagem, o que produziu novos resultados. Ainda que se tenha optado por não incluir esses dados neste relato, é relevante informar que, na sua maioria, foram constituídos por depoimentos que evidenciavam medos decorrentes de sentimentos de não-pertencimento, como a dificuldade de viver em uma cidade que se transformou rapidamente, deixando de ser confiável como parece ser uma cidade de interior.



A pergunta – *you tem medo de quem?* permitiu a identificação de alguns medos comuns à maioria dos consultados: em primeiro lugar assalto, depois violência e solidão.

Considerando, que o assalto é um tipo de violência e avaliando o número significativo de respostas semelhantes (medo de estupro, tiro, bandido, andar no centro da cidade, andar de carro sozinho), é possível apontar que a violência é o medo que acompanha o dia a dia da maioria. Também foi recorrente o medo da solidão – em alguns casos, a solidão que pode vir com a velhice e a solidão com o abandono, em geral também presente com o medo do envelhecimento.

Com uma alteração de abordagem, este procedimento foi repetido em 2010 (também ao longo de três dias, de dois a quatro de abril), com o objetivo de verificar possíveis mudanças no comportamento das variáveis. este último foi respondido por 32 pessoas. A questão única – *qual o seu maior medo?* foi feita apresentando, em ordem alfabética, os dez medos mais citados na sondagem de 2008: abandono, corrupção, depressão, desemprego, estupro, insegurança da cidade, maldade das pessoas, morte, solidão e violência. O resultado, de respostas de 34 indivíduos, foi

| | |
|-----------------------|----|
| Violência | 10 |
| Maldade das pessoas | 5 |
| Desemprego | 4 |
| Morte | 4 |
| Insegurança da cidade | 3 |
| Depressão | 3 |
| Solidão | 3 |
| Abandono | 2 |
| Corrupção | 0 |
| Estupro | 0 |

Tabela 1 – Tipos de medo

Ao contrário de dois anos antes, corrupção estupro não aparecem como preocupações. É provável que a agenda da mídia tenha contribuído para o resultado, anteriormente.



De modo subjetivo, a situação de abandono está relacionada ao envelhecimento, por sua vez ligada à idéia de solidão: “tenho medo de ficar velhinha e sozinha, sem ninguém para me fazer companhia, para cuidar de mim...(INDIVIDUO A)” De modo semelhante, a percepção da depressão como um medo contemporâneo, um dos principais sintomas da crise contemporânea do indivíduo:” Depressão ataca mesmo com companhia, transparência, emprego, respeito, segurança, bondade, vida ou tranquilidade (INDIVIDUO B)”.

O medo do desemprego pode significar, entre outras coisas, “ escolhas mal feitas na vida. Tempo perdido. Uma involução (INDIVIDUO C)”. Já o medo da morte parece estar associado à responsabilidade em relação ao outro, especialmente familiares, em particular filhos.

Tenho medo de morrer porque tenho duas filhas e tenho pavor de não estar aqui com elas e para elas. Acho que todo o resto conseguimos remediar, de alguma maneira, com força de vontade...mas a morte é algo que vai além da nossa capacidade e, apesar de ser a nossa única certeza na vida, é triste saber que se algo me acontecer vou perder momentos especiais das duas pessoas que mais importam para mim (INDIVIDUO D).

Apesar de alguns manifestarem preocupação com a morte, também foram recorrentes respostas que indicam que ela é vista como uma parte da vida, inevitável, mas não necessariamente algo a temer. Já a maldade – ou a idéia da presença do Mal, parece mais próxima, pois “não se tem controle das pessoas, mas isso pode causar outros danos como corrupção, estupro, violência”. (INDIVIDUO E).

A insegurança diz diretamente respeito ao medo da violência, a violência social, aparecendo também o questionamento dos poderes públicos e nostalgia da cidade de outros tempos...

Destes o meu maior talvez seja a insegurança da cidade. Há vinte anos atrás podia pegar a sessão da meia noite no Ritz e depois esperar o madrugueiro na Barão do Rio Branco, descer no terminal do Portão e seguir duas quadras até em casa sem o menor problema. Nem passava pela minha cabeça ser assaltado. Hoje já não faço isso, pelo menos não sozinho. (INDIVIDUO F).



Eu tenho medo de andar no centro da cidade à noite quando estou sozinha. Sem querer sou tão preconceituosa que, quando vejo alguma pessoa "a toa" na rua, desvio o caminho, dou voltas e voltas só para não passar perto. Na verdade isso é uma besteira, uma vez que nem todas as pessoas em situação de rua estão lá para fazer maldade. Muitas sequer têm escolha. (INDIVIDUO G).

E vamos combinar que a segurança pública de nossa cidade não passa de apenas fachada! Instalaram trocentas câmeras de segurança pelo centro histórico e disseram que já prenderam muitos desocupados.... Mas quem prenderá estes policiais corruptos????? Os "bandidos"????? Ah! Sem comentários..... Guarda Municipal então?! Nem se fala..... quantas vezes já os vi negociando com traficantes e ladrões! (INDIVIDUO H).

É, no entanto, a violência, em suas diferentes formas, o medo mais presente entre os pesquisados. Constata-se a sensação de impotência e vulnerabilidade que, implicando insegurança, traz como consequência uma perda na qualidade de vida. Há também o medo das consequências de atos violentos, como a morte ou a invalidez.

Os pesquisados percebem um aumento nos índices de violência na cidade, por meio de notícias veiculadas pela mídia e com alguma frequência por serem vítimas: “não sabemos como iremos reagir diante de situações de violência...fui vítima recentemente de um assalto à mão armada dentro de casa e vi que estas situações nos colocam à mercê de pessoas que não valorizam nem as suas próprias vidas, muito menos a de outros (INDIVIDUO I).”.

Violência é um mal que há em qualquer lugar que a gente vá. Pode ser aqui em Curitiba ou outra cidade. De modo geral, ela retrata assalto, roubo, sequestro, homicídio, brigas ou qualquer outro tipo de coisa negativa que possa afetar tanto nossa vida pessoal, profissional, de nossa família...Um exemplo básico é já na hora de sair de casa. Se a gente tá saindo de casa e vê alguém suspeito, a gente já acelera nossa saída ou espera a pessoa passar ou acaba voltando para casa mesmo (INDIVIDUO J).

Além desta abordagem não presencial, optou-se por uma pesquisa quantitativa exploratória presencial que evidenciasse um panorama dos tipos de medo mais frequentes entre os moradores de Curitiba. A pesquisa foi realizada em 2008, sendo



aplicada por alunas integrantes do Núcleo, em terminais de ônibus durante os horários de pico; o filtro para a aplicação do questionário era o fato do entrevistado afirmar que sentiu ou sentia algum tipo de medo.

Os questionários (500) foram divididos em quotas por faixa etária e sexo e as variáveis observadas diziam respeito aos tipos de medo, frequência destes; a diversidade do grau de escolaridade dos entrevistados demonstra que o fato de se entrevistar pessoas em terminais de ônibus não excluiu faixas sócio-econômicas.

A frequência com que a variável *sentir medo* aparece nas respostas varia de acordo com sexo e faixa etária: homens admitem sentir medo *algumas vezes* em 62% das respostas e *quase nunca* em 24% dos casos; já as mulheres apresentam 77% de respostas *algumas vezes* e 4% *quase nunca*. Respostas estas que trazem aspectos novos na variável faixa etária em que a frequência do sentimento de medo aparece: entre os homens 36- 50 anos e entre as mulheres na faixa de 25-35 anos. Portanto, o fato de sentir medo com mais frequência aparece mais tardiamente entre jovens do sexo masculino se comparados ao sexo feminino.

Se forem comparados os mais citados tipos de medo, por sexo, a violência urbana ocupa a primeira maior frequência, na somatória geral, e, coincide em ser o mais frequente também na faixa etária dos 25-35 anos tanto para homens como para mulheres; estar com mais frequência na rua e em espaços públicos leva estes indivíduos a demonstrarem mais medo de assaltos, parar em sinaleiros, etc.

Nesta mesma faixa etária, verificou-se também que outro fator que desencadeia o medo é o desemprego, o medo do desconhecido e a solidão, confirmando a outra abordagem

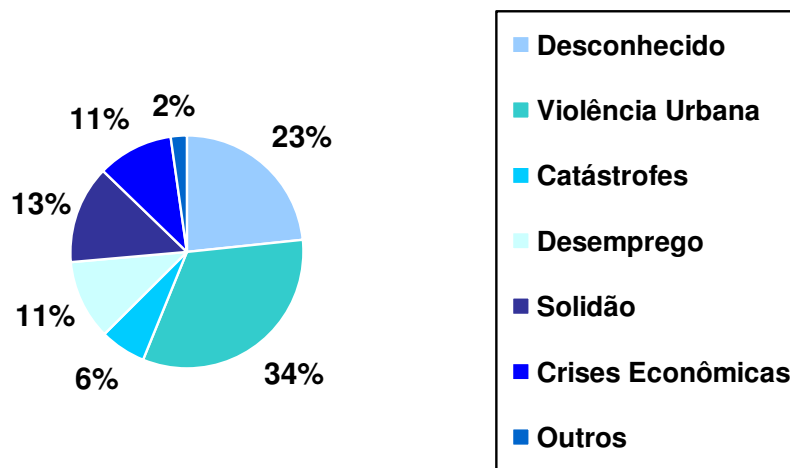


Gráfico 1 – Tipos de medo (masculino)

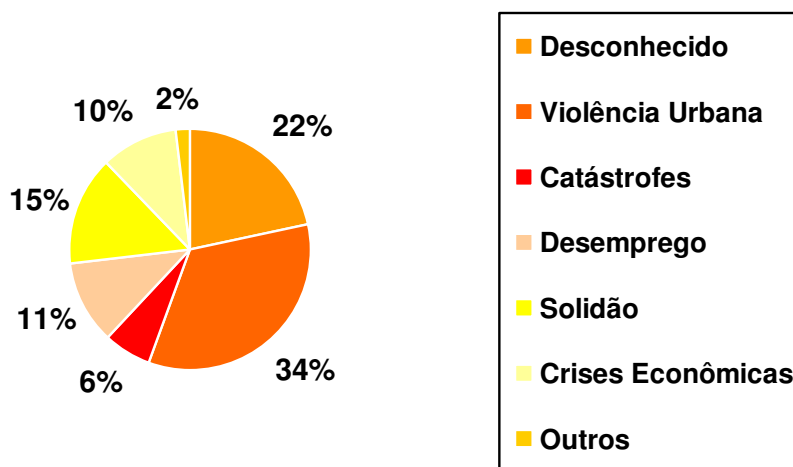


Gráfico 2 – Tipos de medo (feminino)

Analisando a variável *nível de escolaridade* e a relação com os tipos de medo pode-se verificar que os *medos urbanos* na faixa de menor nível de escolaridade aparece com menos frequência e se torna mais citado à medida que o nível de escolaridade aumenta ; as opções *morte e morte próxima* representam a maior frequência na faixa de baixa escolaridade; não desaparecem nas faixas de maior escolaridade mas, não ocupam mais o primeiro lugar na escala.

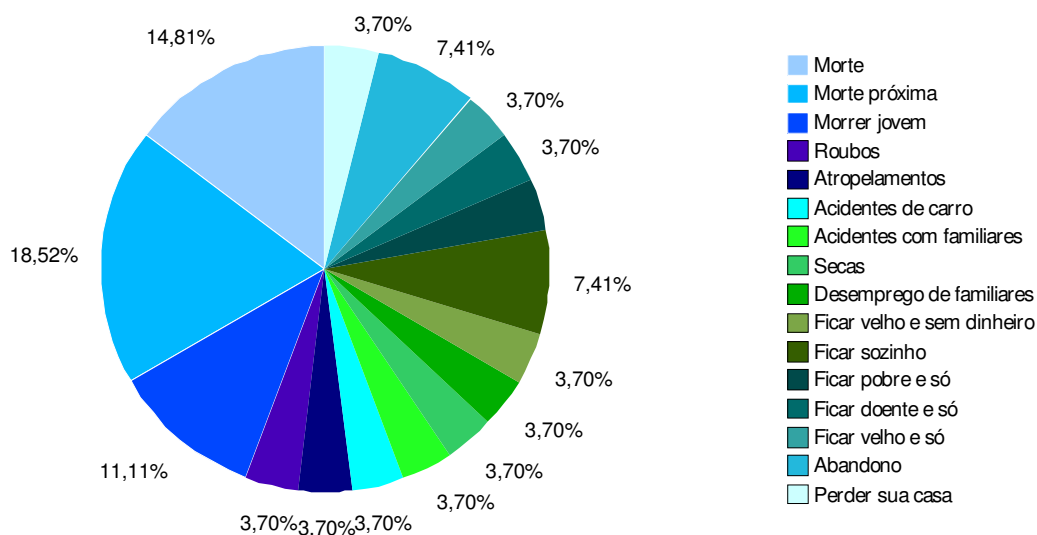


Gráfico 3 – Ensino Fundamental Incompleto

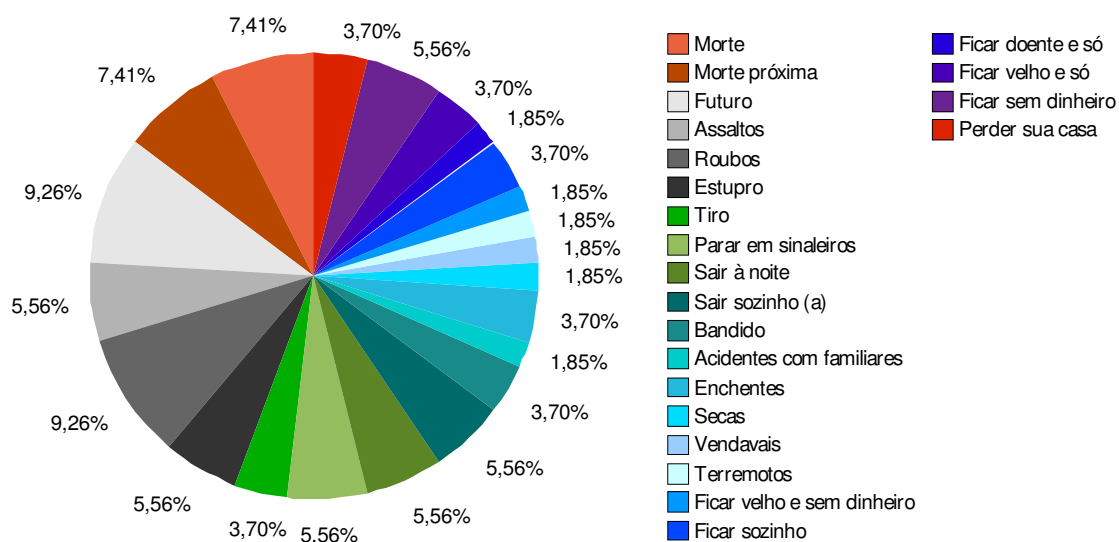


Gráfico 4 – Ensino Fundamental Completo



Gráfico 5 – Ensino Médio Completo

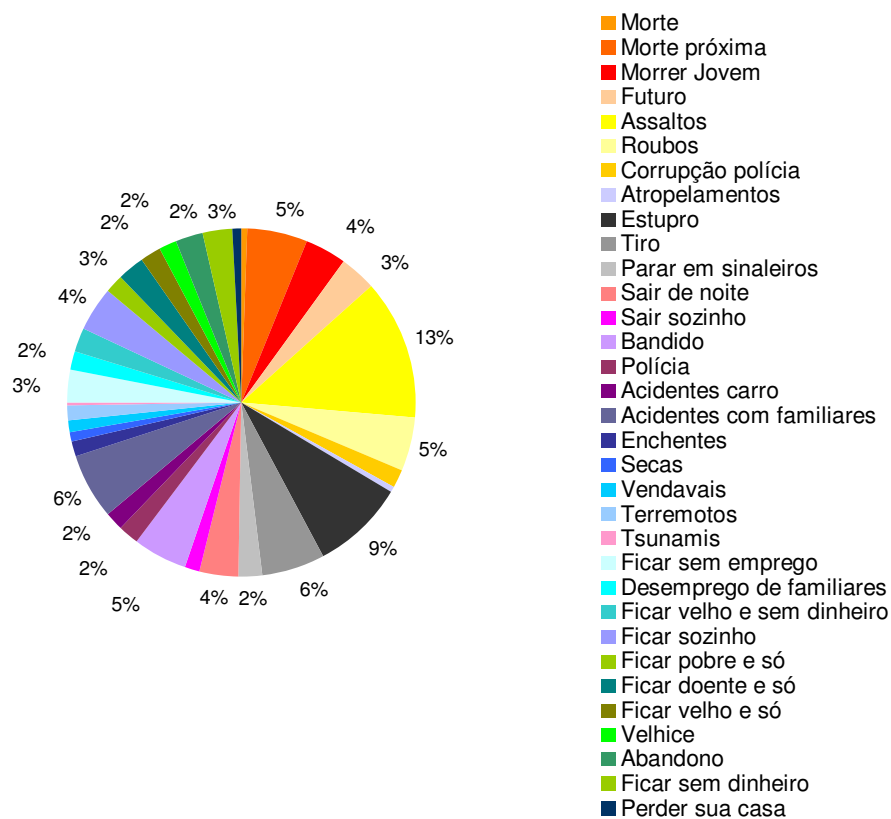


Gráfico 6 – Ensino Superior Incompleto

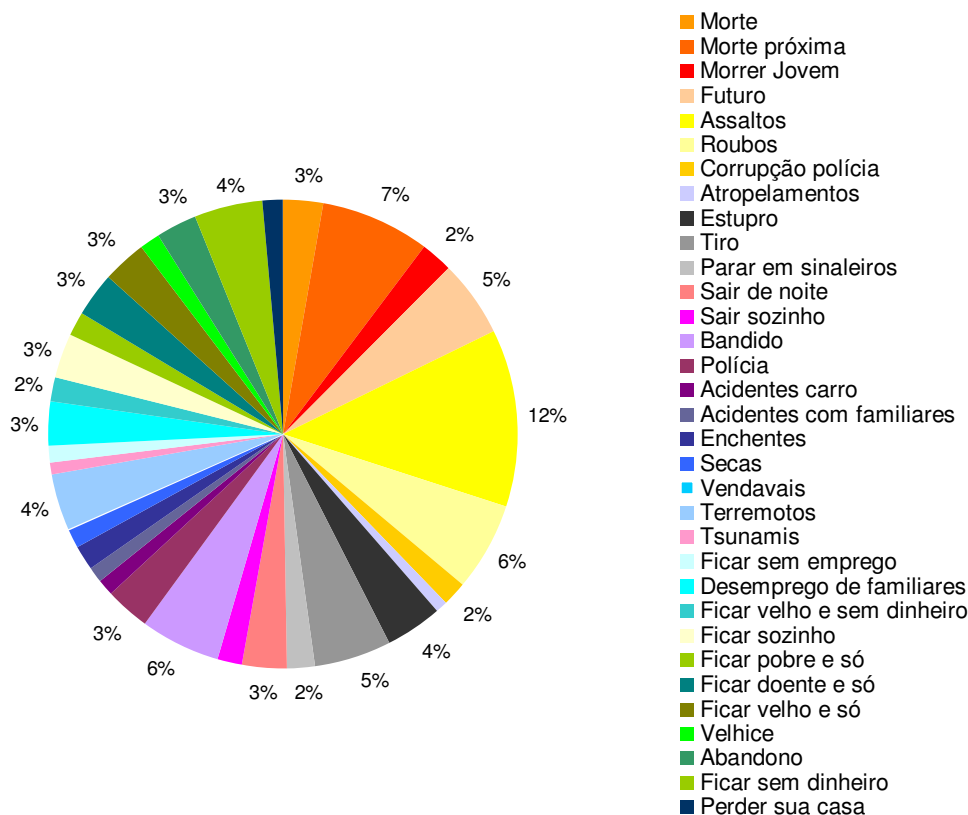


Gráfico 7 – Ensino Superior Completo

Considerações finais

Parte de um projeto de leitura de questões de contemporaneidade, este trabalho apresentou os resultados de um estudo de caráter descritivo, que teve como objetivo identificar formas como o medo é percebido na cidade. No caso, em Curitiba, a pesquisa, realizada de forma presencial com 500 indivíduos e, com consulta não presencial cerca de 1500 (usando uma rede social), descreveu semelhanças nas respostas obtidas.

É a violência, em suas diferentes formas, o medo mais presente entre os pesquisados. Constata-se a sensação de vulnerabilidade que, ao trazer a insegurança, tem como consequência a perda de qualidade de vida. A cidade vai se tornando para o indivíduo não mais o espaço de convivência mas, aquele que deve ser temido. De acordo com as pesquisas os tipos de medo variam conforme sexo, faixa etária e nível de escolaridade, mas o medo da violência sempre está presente.



De algum modo, o medo manifesta incerteza em relação ao outro, ao diferente. No medo de andar na rua à noite, por exemplo, está o medo do desconhecido e, muitas vezes, o preconceito, que gera a violência social, esta podendo ser relacionada às diferenças entre os grupos, ao desemprego, enfim, a fatores múltiplos. Assim, não é possível determinar causas ou conseqüências únicas da violência.

Da mesma maneira, não se pode entender o medo apenas como um fenômeno dos tempos atuais, uma vez que cada época tem a sua cultura do medo – aos castelos com suas pontes levadiças e muralhas correspondem os condomínios com câmeras de segurança. É evidente que a complexidade das cidades e o seu crescimento, às vezes, desordenado, desencadeia e acentua o individualismo, a solidão, o não-pertencimento. Daí as contradições e tensões urbanas, manifestas no medo que toma várias formas, que é líquido, como diz Bauman.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **Confiança e medo na cidade**. Lisboa: Relógio d'água, 2007.

BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. **Geografia Urbana**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

CARDIA, Nancy. Medos Urbanos. **Revista E**. n.134, jul.2008. Disponível em: <
http://www.nevusp.org:80/portugues/index.php?option=com_content&task=view&id=1677&Itemid=29> Acesso em: 05 maio 2009.

DURAND, G. O Imaginário. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2005.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da
Comunicação

XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Novo Hamburgo – RS 17 a
19 de maio de 2010

TAVARES, Flávia. Governados pelo medo. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 27 jan. 2008.

Entrevista com Zygmunt Bauman. Disponível em:

http://www.estadao.com.br/suplementos/not_sup115789,0.htm Acesso em: 27 jan.2008.

VELLOSO, J. P. dos R. **Governabilidade, sistema político e violência urbana**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.